

Sherazade e a mentira

Sherazade and the lie

Márcio Acselrad¹

Resumo

A arte é a única maneira de vencermos a morte. Aspecto fundamental desta arte, a mentira é o tema deste ensaio. Mal vista por todos como imoral, a mentira é talvez o maior problema que se possa colocar à possibilidade universal de comunicação entre os homens. Para podermos nos comunicar, é fundamental que partamos do princípio da honestidade recíproca. Quando falha o princípio moral da assumpção de verdade, a comunicação entra em crise e a diplomacia dá lugar à guerra. No entanto, quando se trata da arte em geral e das artes da narrativa em particular, a mentira não apenas não é punida, passa a ser valorizada, ansiada mesmo. Quando é da arte que se trata, queremos ser enganados. Queremos que nos mintam.

Palavras-chave: Mentira. Narrativa. Literatura. Comunicação.

Abstract

Art is the only way to overcome death. Fundamental aspect of this art, the lie is the subject of this test. Poorly regarded by all as immoral, a lie is perhaps the biggest problem that may pose the possibility of universal communication among men. To be able to communicate, it is essential that the assumption of mutual honesty. Failure when the moral principle of assumption of fact, enter into crisis communication and diplomacy leads to war. And yet, when it comes to art in general and the arts of narrative in particular, the lie is not only not punished as shall be valued, even desired. Where is the art that is, we want to be deceived. We want to lie.

Keywords: Lie. Narrative. Literature. Communication.

¹ Professor Titular do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, Coordenador do LABGRAÇA: Laboratório de Estudos do Humor e do Riso. E-mail: macselrad@gmail.com

Introdução

A primeira noite

Era uma vez... A estória é bem conhecida de todos. Sherazade (GALLAND, 1961) talvez seja a narradora mais famosa da história universal. Não há quem não se encante com a saga da jovem árabe que inventa um modo raro de sobreviver. Contra a tirania e as aflições, ela inventa a literatura. A metáfora salta aos olhos: a arte é a única maneira de vencermos a morte. Pretendemos, neste ensaio, analisar um aspecto fundamental desta arte: a mentira.

Mal vista por todos como imoral, motivo de alertas sem fim a filhos rebeldes, a mentira é talvez o maior problema que se possa colocar à possibilidade universal de comunicação entre os homens. Para podermos nos comunicar, é fundamental que partamos do princípio da honestidade recíproca. Afinal, como podemos saber se o outro está ou não dizendo a verdade? Neste sentido, é exemplo lapidar o paradoxo de Epimênides: “Eu minto”, disse ele. Com esta simples afirmação, desmonta qualquer possibilidade futura de diálogo. A partir de agora, jamais saberemos se Epimênides é ou não digno de confiança. A frase é tão absurda que se desmente de todas as formas. Se Epimênides mente, então, ao dizer que mente, está dizendo a verdade.

Quando falha o princípio moral da assumpção de verdade, a comunicação entra em crise e a diplomacia dá lugar à guerra. Quando se trata da arte em geral e das artes da narrativa em particular, a mentira não apenas não é punida, passa a ser valorizada, ansiada. Nosso desejo de sermos enganados é o que faz nossa espécie, por essência, ser mentirosa, como veremos adiante, ter uma verdadeira compulsão universal pela narrativa. Dos mitos gregos e indígenas às páginas de Gabriel Garcia Marques e José Saramago, passando pelo teatro e pelo cinema, o que nos encanta e fascina é um mesmo desejo: queremos ser enganados; queremos que nos mintam.

1. A arte: uma estranha forma de mentira

Geralmente, o mentiroso paga por sua mentira, às vezes com a própria vida. No caso de Sherazade, curiosamente, é o contrário que se dá. A personagem principal do clássico da literatura árabe faz da mentira sua forma de diplomacia, conquistando noite após noite um indulto sempre provisório. E, assim, termina por obter êxito, conseguindo, finalmente, o perdão do sultão. No meio tempo, ao longo das famosas mil e uma noites, entre uma narrativa e outra, engravida três vezes. Na milésima primeira noite, Sherazade pede ao rei que não a sacrifique, utilizando inclusive a maternidade como argumento (estaria falando a verdade?).

Como negar um tal pedido? Aqui ocorre o mesmo que na anedota do matricida que pede perdão para um pobre órfão, apenas com os sinais trocados.

O sultão Schariar, por sua vez, representa nossa ânsia por estórias, nossa vontade interna de sermos enganados, nossa ingênua, talvez infantil, mas não inocente relação com toda forma de narrativa, de entretenimento. Tal como o sultão diante de Sherazade, também pedimos (ou exigimos) que nos entretendam, que nos ajudem a passar o tempo enquanto a morte não vem, que nos mintam que somos eternos. Pois, se por um lado Sherazade precisa narrar para não morrer, o sultão também precisa da narrativa pelo mesmo motivo.

E assim acontece a cada vez que abrimos um livro ou vamos ao cinema ou teatro. “Me enganem”, suplicamos. “Mintam para mim”, exigimos. Pois literatura, cinema, teatro, enfim, o universo da arte é, em última instância, o universo da mentira consentida, da mentira desejada. A estética permite o que a moral condena. Neste sentido, não apenas são dimensões diferentes, como lembrava Kant (*apud* ABBAGNANO, 1994), mas verdadeiramente dimensões opostas da existência.

A relação entre o sultão e Sherazade também pode nos ajudar a entender melhor a relação de comunicação que estabelecemos em boa parte das situações que se nos apresentam. Trata-se da comunicação continuada, ininterrupta, possivelmente infinita (afinal mil e um é um número mágico, não é um número aleatório mas a representação mesma do infinito, do tempo do sem fim). Sherazade representa a possibilidade da comunicação plena, da perpetuação do diálogo e, conseqüentemente, da relação entre duas pessoas. Constantemente buscamos, de certo modo, reviver o mito em questão e a cada nova tentativa, um novo jogo se estabelece. Um jogo em que ganha quem consegue esticar, ao máximo, a conversa e a convivência, quem consegue evitar as armadilhas da rotina e do tédio e perpetuar a aventura da comunicação em narrativas inusitadas e originais.

2. Somos todos mentirosos

A perspectiva evolucionista nos ensina que nada permanece por acaso. Se surge alguma novidade, qualquer que seja, em uma determinada espécie ou indivíduo, imediatamente ela será posta a prova. E é uma prova de sangue, uma prova de vida ou morte. Se a novidade for benéfica, a espécie tornar-se-á mais apta a sobreviver. Caso contrário, estarão ambas, novidade e espécie, fadadas à desapareição, e delas não sobrarão rastro. Não fomos nós a inventar tal regra, e muitas vezes buscamos subvertê-la. Afinal somos a espécie que inventou a consciência, esta ferramenta que, segundo Nietzsche (1987), é o recurso dos

que não dispõem de presas ou garras afiadas, não têm o pelo denso nem a pele grossa. A consciência, em suma, é a arma dos que não têm armas.

Neste sentido, é equivocada a crença generalizada de que a mente humana é apenas e tão somente uma ferramenta destinada ao autoconhecimento e à busca da verdade. Aqui é o contrário que se dá. Como muitas vezes a verdade é prejudicial à sobrevivência do indivíduo e da espécie, ela deve ser utilizada estrategicamente, com moderação. Outras vezes deve ser simplesmente abandonada ou rejeitada. É difícil exigir de alguém que diga a verdade, caso esta venha a prejudicar a si próprio ou àqueles que lhe são próximos. Sabemos bem o que seria de Sherazade se dissesse que não sabia contar estórias, que estava com dor de cabeça ou que não era mulher de se submeter aos caprichos de homem nenhum.

Nietzsche (1987, p.54) é bastante categórico a esse respeito: “No homem, a arte do disfarce chega a seu ápice; aqui o engano, o lisonjear, mentir e ludibriar, o falar por trás das costas, o representar, o viver em glória de empréstimo, o mascarar-se, a convenção dissimulante, o jogo teatral diante de outros e diante de si mesmo, em suma, o constante bater as asas em torno dessa única chama que é a vaidade, é a tal ponto a regra e a lei que quase nada é mais inconcebível do que como pôde aparecer entre os homens um honesto e puro impulso à verdade”(NIETZSCHE, 1987).

Juntamente com a crença de que somos feitos para encontrar e perpetuar a verdade, que reinou incólume por milênios, até desmoronar em fins do século XIX, também merece menção a crença de que fomos feitos para nos autoconhecer. Repare-se que Nietzsche (1987, p. 54) diz “o jogo teatral diante de outros e *diante de si mesmo*”. Desde a premissa do oráculo de Delfos, o célebre ‘conhece-te a ti mesmo’, encarnação do espírito socrático, até o desenvolvimento da psicologia científica, não fizemos outra coisa a não ser tentar entender quem somos e o que estamos fazendo aqui. E uma resposta depende da outra. Não é possível conhecer o verdadeiro se antes não o encontramos em nós. Mas como fazê-lo? Filósofos, psicanalistas e angustiados em geral penam nesta busca.

Mas o professor Livingstone (2006, p. 4) sugere que nem a busca e perpetuação da verdade nem o autoconhecimento são naturais. “O engano é uma dimensão crucial de todas as associações humanas, sempre à espreita nos bastidores dos relacionamentos entre pais e filhos, maridos e esposas, empregados e empregadores, profissionais liberais e seus pacientes, governos e seus cidadãos”. A verdade é opcional. A mentira, ao contrário, é obrigatória. Livingstone (2006, p.5) a define como “qualquer forma de comportamento cuja função seja fornecer aos outros informações falsas ou privá-los de informações

verdadeiras.” Aqui incluem-se fenômenos como o mimetismo, o silêncio, o sorriso forçado, as próteses de silicone, a maquiagem, o penteado do Alckmin e diversos tipos de falsidades verbais, escritas e virtuais.

O que queremos, portanto, não é a verdade, mas tão somente suas consequências favoráveis, aquelas que conservam a existência. Nietzsche encontra Darwin. Dizer a verdade não é mais natural que mentir. Talvez mesmo seja *menos* natural, algo aprendido em nome da civilização, da confiança mútua, do espírito gregário. Se não dependêssemos tanto uns dos outros, muito provavelmente mentiríamos mais. E melhor. O problema da mentira, portanto, não é faltar com a verdade, mas antes ser descoberto, ser desmascarado. Quando a máscara cai, fica evidente que somos todos egoístas, que mentimos para nos proteger e para nos perpetuar.

A revisão da questão da verdade e da mentira deve sua origem histórica dentro da filosofia ocidental ao movimento romântico que atravessou a Europa no século XVIII. A partir dos dilemas levantados pela filosofia kantiana (ABBAGNANO, 1994), os românticos buscaram a compreensão dos fenômenos que a razão não era capaz de abarcar, tais como a vida, o sentimento, a natureza e a arte. Se, desde seus primórdios gregos, o fundamento do pensar ocidental era considerado a busca do verdadeiro, o ser arrancado do caos sendo capaz de produzir um pensamento lógico, ao mesmo tempo o pensamento encontrava-se condenado a uma espécie de ilegalidade de todas as outras tentativas de acessar o mundo. A condição romântica buscou retirar a mística e a poesia da clandestinidade a que haviam sido lançadas pela filosofia.

A razão, diz Schiller (1990) em suas *Cartas sobre a Educação Estética do Homem*, tende a suprimir a natureza no homem a fim de fornecer-lhe aquilo que ele deveria possuir. É incapaz, no entanto, de substituir completamente a realidade física e social por uma realidade ideal, una e coesa. A natureza, e nesta inclui-se o homem, é múltipla e clama por multiplicidade. O homem vê-se assim dividido, tem de obedecer a dois chamados distintos e opostos, um real, físico, sensível; o outro ideal, formal, utópico. Seu objetivo será então conciliar, utilizando-se de sua liberdade, estes dois instintos contraditórios e buscar o que Schiller (2002) chama ‘a beleza’.

Também exerceram influência no que dizia respeito às práticas morais do homem, discutindo a validade universal de se dizer a verdade. À proposta kantiana (ABBAGNANO, 1994) de que não se deve mentir jamais, responde Benjamin Constant (1993): ‘a verdade deve ser dita a quem merece. Para deixar claro seu ponto de vista, utiliza-se de uma situação hipotética. Suponha-se que um fugitivo acusado injustamente (por exemplo, um judeu fugindo dos nazistas) venha procurar abrigo em nossa casa e decidamos ajudá-lo. Em seguida seus

perseguidores aparecem e perguntam se sabemos de seu paradeiro. Segundo a premissa kantiana (ABBAGNANO, 1994), não podemos mentir e, portanto, devemos entregar o fugitivo. Constant (1993) afirma que, agindo assim, estaremos fazendo um mal, e que a mentira, neste caso particular, é benéfica e deve ser estimulada. Desta forma recoloca-se a ética como uma questão a ser resolvida caso a caso, e não com base em uma premissa universal, portanto válida para qualquer um em qualquer situação. Mentir ou não mentir, e mesmo a definição do que seja mentir, é algo que só pode ser decidido culturalmente. Com o Romantismo, ressurgem a força do particular, desta vez ancorada por um pensamento que leva em conta a individualidade.

Influenciado por tais ideias, o escritor americano Mark Twain (1997, p. 1) realizou a seguinte experiência, que ele próprio trata de narrar:

“Em uma ocasião me aproximei de um amigo meu, um homem dolorosamente propenso a dizer a verdade em todas as circunstâncias, incapaz de dizer uma mentira e o fiz escrever sua autobiografia, tanto para sua própria diversão quanto para a minha. Ele fez. O manuscrito poderia dar um livro soberbo, porém, ainda sendo um homem honrado em todos e cada um dos detalhes de sua vida que eu conhecia, no papel resultou ser um farsante formidável. Não podia evitá-lo. Não faz parte da natureza humana escrever a verdade sobre si mesmo”.

O problema levantado não é o da mentira proposital mas um, muito mais complexo, o do autoengano. O amigo de Twain não é um trapaceiro, não mente para se dar bem na vida. Pior, mente sem saber. Mente para si mesmo. Por isso pode ser acusado de confuso ou mesmo insano.

O mesmo ocorre conosco em grande parte das situações do convívio social. Boa parte das mentiras que contamos não seriam consideradas mentiras nem se fosse analisadas pormenorizadamente. Para as restantes diríamos: “São coisas sem importância”, antes de rapidamente voltar nossa atenção para outro lado. São as chamadas “white lies”, as mentirinhas inocentes tais como “seu cabelo está lindo” ou “a comida está ótima”. Mas dizem muito sobre nossa essência.

Considerações finais

Como conclusão deste ensaio, podemos afirmar que o sentido da palavra “mentira” varia muito conforme o contexto. Se, no caso do ideal comunicacional, ela é algo a ser evitado a todo custo, no campo estético e mesmo no campo biológico, seu sinal converte-se em positividade. Tais ideias afastam-se do ideal

filosófico da busca da verdade, mas aproximam-se bastante do mundo da vida, da experiência cotidiana, bem como da teoria da seleção natural.

Alguém que diga a verdade, não importa a que custo, terá muita dificuldade de passar seus genes adiante. “Como todo sedutor sabe, honestidade e sucesso reprodutivo não são necessariamente bons amigos” (LIVINGSTON, 2006 p.3). Assim, curiosa e paradoxalmente, a verdade e a virtude nem sempre são a melhor escolha, apesar de tudo o que nos ensinam pais, educadores, filósofos e todos aqueles preocupados com nosso futuro. Sherazade que o diga.

Referências

- ABBAGNANO, N. *História da filosofia*. Lisboa: Presença, 1994. v. 7.
- CONSTANT, B. *Des principes*. In: BOITUZAT, F. *Un droit de mentir? Constant ou Kant*. Paris: PUF, 1993, p.32
- GALLAND, A. (Org.). *As mil e uma noites*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1961.
- LIVINGSTON, D. *Por que mentimos: os fundamentos biológicos e psicológicos da mentira*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).
- SCHILLER, F. *Cartas sobre a educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- SCHILLER, F. *Kallias ou sobre a beleza*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- TWAIN, Mark. Da verdadeira biografia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 1997. Cardero B, p.1.